

A HAFTARÁ

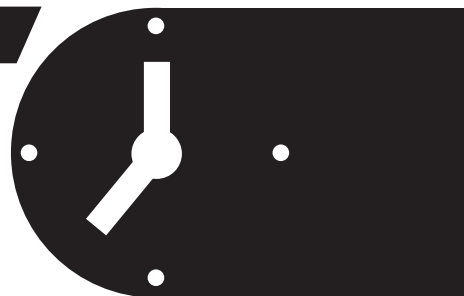
Haftará, em hebraico significa “separação”, “tomar licença”. É uma série de seleções dos livros dos Neviim (“Profetas”) que é lido publicamente na sinagoga. A leitura da haftará segue a leitura da Torá em cada shabat e nas festas. Normalmente, a haftará é tematicamente ligada à parashá (porção da Torá) que a precede.

A leitura da semana vem dos capítulos 54 e 55 do livro do profeta Isaías. Assim como Deus fez um pacto com Noé, que nunca mais enviará um dilúvio sobre os seres humanos, o profeta assegura aos judeus exilados na Babilônia que, também honrará o pacto que fez com Israel, repatriando-os do exílio.

ESTA SEMANA NO MUNDO JUDAICO

Terça e quarta feira desta semana começou o mês de Chesvan. Depois de um mês carregado de significado e festas, vem a pausa deste mês que não tem nenhuma celebração. Cheshvan representa o retorno à rotina e ao comum.

Como se o tempo recobrasse a sua rotina e o hábito de se fazer passar resgatando o senso de reinício do próprio calendário. Somos nós que demarcamos o tempo com nossos monumentos e nossas memórias. Mas o tempo é só passagem e Cheshvan serve como uma janela por entre os eventos do calendário. Como se por essa fenda, essa abertura, pudéssemos observar a essência fugaz e transitória do tempo. É o oitavo mês, conhecido como mês da mabul - do Dilúvio. Isso porque as chuvas, no relato de Noé, começam em cheshvan e



terminam em cheshvan do ano seguinte. É o único mês sem nenhuma celebração ou evento no calendário e diz-se estar reservado para a inauguração do Terceiro Templo em dias messiânicos. O sentido do mês é o olfato. Este é o mais espiritual dos sentidos por ser o mais sublime e imaterial. Dos sentidos é o mais sutil. A própria alma (neshamá ou ruach) está relacionada ao ar que transporta as fragrâncias.

Do site da Congregação Judaica do Brasil

“A CAPA”

Bereshit 9:11 “Eu farei Minha aliança com vocês, e toda vida nunca será banida pelas águas de um dilúvio. Nunca mais haverá um dilúvio para destruir a terra. Deus disse, este é um sinal de que Eu estou estabelecendo uma aliança entre mim, e toda criatura viva que está com vocês, para gerações eternas: Eu coloquei Meu arco-íris será visto entre as nuvens.

SHABAT NO BEIT MIDRASH MASSORET

O Beit Midrash é um conceito existente na cultura judaica há mais de dois mil anos: uma casa de estudos em que se reza, uma sinagoga em que se estuda.

HORÁRIOS

Kabalat Shabat: sextas às 19:00

Shacharit Shabat: sábados às 10:00

*Avenida Doutor Arnaldo, 1504, Metrô Sumaré
Sumaré - São Paulo capital*

MASSORET HABRIT

O ELO DA TRADIÇÃO

De 2 a 8 de Novembro de 2019

Shabat 4 a 10 de Chesvan de 5779

Ano 1 nº 2

Shabat Noach



O arco-íris.
O simbolo do pacto.
Um dilúvio basta.

**A POMBA VOLTA
COM O RAMO
VERDE NO BICO.
FINALMENTE,
TERRA SECA.**

ENTREVISTAS DA TORÁ

NOÉ

1 • MASSORET HABRIT

Sabe Noé, que, passadas apenas dez gerações, Deus, decepcionado com sua principal obra, o ser humano, decidiu destruí-la, e escolheu você para construir uma nova geração com novos valores, menos violência, menos corrupção.

Porém em cento e vinte anos, o tempo que você gastou para construir a arca, você não conseguiu convencer ninguém a mudar de comportamento. Parece que mesmo seus filhos, só acreditaram que ia acontecer algo, quando começou aquela chuva, e você os levou quase na marra. Você não acha que poderia ter feito um pouco mais?

NOÉ – Olha, Deus me procurou e me ordenou a construir a arca, com instruções bastante detalhadas. Uma arca enorme 150 metros de comprimento, 25 metros de largura e 15 metros de altura. E foi isso que fiz, nesse tempo todo. Construir isso, sem experiência anterior nessa área, afinal eu era um pastor, sem ajuda de ninguém, sem instrumentos adequados, não foi fácil não. Nas instruções que Ele me deu, a arca tinha que ser construída de cipreste e tive que plantá-los. E o betume que tive que preparar para calafetar tanto por dentro como por fora, ou seja, vedar direitinho, para enfrentar uma chuvarada incessante que duraria quarenta dias, e mesmo depois de terminado dilúvio, eu ainda teria que ficar alguns meses até poder sair da arca. Não foi fácil, também recolher toda aquela bicharada para ir com minha família para dentro da arca. Deus exigiu que levasse todos os animais. Com tudo isso para fazer, não tive tempo de tentar convencer meus vizinhos. Mas, não sei não, acho que ninguém queria saber, por que nunca ninguém veio me perguntar, nem por curiosidade, o que era aquele barco enorme e para que servia.

2 • MASSORET HABRIT

Fale-nos como era a arca, quais foram os preparativos para essa empreitada para enfrentar o dilúvio, e como era o dia a dia da vida na arca?

NOÉ – Embarcamos em oito pessoas, com 5.500 casais de animais. Animais com exigências e costumes totalmente diferentes. Estoquei toneladas de comida para minha família e todos esses animais. A arca tinha três andares, interligados por rampas afastadas do centro do casco, onde as tensões eram maiores. Por questões logísticas, os mamíferos maiores ficaram no primeiro piso. A água, para consumo vinha da canalização da água da chuva. Para iluminar e ventilar a arca, fiz uma janela comprida e com meio metro de altura. Nosso dia a dia era uma trabalhadeira incessante. Eu, minha mulher, meus filhos, Sem, Cam e Lafet e suas esposas, trabalhávamos vinte horas por dia, para garantir alimentos na qualidade e quantidade necessárias para cada um deles, para evitar tensões na arca.

3 • MASSORET HABRIT

E como foi a chegada e voltar a terra seca?

NOÉ – Depois de 150 dias à deriva, a arca novamente voltou a tocar a terra, no monte Ararat (1) região formada por montanhas de até 5 mil metros de altura e cobertas de neve, mas a gente não via nada, só água. Só, no décimo mês, os picos da montanha ficaram visíveis. Após quarenta dias, abri a janela que tinha feito na arca, mandei um corvo, para ver se ele retornava, mas nada. Ele voou e não voltou. Aí pensei melhor e mandei uma pomba para ver se a água tinha baixado, ela não encontrou nenhum lugar seco para descansar seus pés. Sete dias depois, enviei a mesma pomba, que voltou no mesmo dia, com uma folha de oliveira no seu bico e concluí que a água tinha baixado. Uma semana depois mandei a pomba de novo e ela não voltou. Senti que era hora de descer. Descemos e vi a terra seca, seca, mas sem gente e imaginando o trabalho que seria necessário para reconstruir o mundo e a humanidade.

4 • MASSORET HABRIT

Mas anos depois tem uma história meio mal contada de um porre que você tomou, e teu próprio neto, o Canaã filho de Ham te envergonhou em público.

NOÉ – É verdade que o Canaã agiu muito mal comigo, aproveitou que eu estava dormindo depois que tomei umas doses de vinho e me envergonhou em público. Ele tinha os mesmos valores daquele pessoal, que fez Deus mandar o dilúvio. Ele teve o castigo devido. Mas nessa história tem uma grande injustiça comigo. Plantei uvas, criei o vinho, uma bebida que tenho certeza vai ficar para história. Pensei que ia ser homenageado com um bom bordô o “Les Châteaux du Déluge” (2), ou com um português “No porto de Ararat”. Nada disso, o que ficou para a história, foi o porre. É muita injustiça para quem fez tudo o que fiz, não acha?

(1) Região situada no leste da Turquia
(2) Os Castelos do dilúvio